

Nunca digas adeus ao verão¹

João de Mancelos

Três contos do livro

¹ Mancelos, João de. *Nunca digas adeus ao verão*. Lisboa: Colibri, 2021. 92 pp. ISBN: 978-989-566-052-0.

Algumas raparigas só existem no Inverno

No meu semestre Erasmus, no ano letivo de 1990/91, habitava numa residência de estudantes em Tufnell Park, no norte de Londres. Tratava-se de um edifício de cinco andares, em tijolo, uma aberração na paisagem de vivendas, que apenas o campo de futebol em frente, de um verde luminoso, redimia. O meu quarto era somente um retângulo onde a cama, um sofá puído, a secretária com nomes gravados a canivete, uma cadeira giratória e um lavatório que gorgolejava durante a noite disputavam cada centímetro. A claustrofobia era tal que, frequentemente, fazia os trabalhos de casa com a porta aberta ao corredor, travada pelo volumoso *Webster's Dictionary*, para não me sentir confinado.

Embora fosse um inverno gélido, todas as noites, bem tarde, funambulava pela vizinhança ou percorria os cinco quilómetros da Holloway Road, deserta, àquela hora, excetuando vagabundos, bêbedos saídos dos *pubs* típicos e algum ocasional par de namorados. Como nunca apreciei elevadores, optava por descer do terceiro piso da residência ao rés-do-chão pela escada. Com assiduidade, encontrava aí, sentada nos degraus, longe do mundo, quieta como um fantasma, uma rapariga estranha. Era uma gótica bonitinha, magra, sem ser anorética, daquela seráfica palidez enaltecida pelos românticos, o cabelo da cor de folhas outonais e olhos escuros. Envergava vestidos negros com renda e tinha botas de biqueira de aço, uma delas com a ponta mais gasta, porque tinha o nervoso hábito de a raspar com a outra. Invariavelmente, a jovem estava só, apenas na companhia de um livro e de um chá de camomila.

Ao passar por ela, dizia-lhe “olá”, “boa noite” ou “com licença”.

Ela erguia os olhos da página, voltava-se para mim e sorria sempre, mas sem proferir palavra. Uma noite, incomodado com aquele silêncio, ganhei coragem e decidi apresentar-me:

“Olá, sou o João e venho de Portugal. E tu?”

“Sou a Deirdre. De Galway, na Irlanda.”

Puxou a caneca de chá para o lado e perguntou-me, gentilmente, se me queria sentar junto a ela. Aceitei.

“Vejo-te aqui, todas as noites, Deirdre.”

“Oh, não gosto de estar fechada no quarto.”

“Nem eu”, sorri. “Mas nunca pensei em usar a escada como biblioteca.”

“É sossegado.”

“Calculo! O que andas a ler?”

Mostrou-me a capa. Era uma edição de bolso dos poemas de William Butler Yeats, um dos vultos da literatura irlandesa.

“Gostas de Yeats?”, perguntei-lhe.

“Oh, adoro”, assentiu. “Sobretudo *A Canção do Delirante Aengus*.”

“Penso que não conheço”, confessei, não sem embaraço.

“A sério? É um dos poemas mais célebres dele. É sobre um homem que vai passear para uma floresta e, sem contar, tem um encontro especial.”

Procurou o texto no índice, poisou o livro nos joelhos e leu, numa voz serena como um sonho de ópio, um excerto:

“E alguém me chamou pelo nome: / Surgiu-me uma jovem, num brilho suave / Com flores de maçãs enfeitando os cabelos / Chamou-me e correu / E desvaneceu-se numa aura. // Ainda que eu vagueie pelos caminhos / Através de vales e terras de colinas, / Hei de encontrar o lugar para onde ela foi / E beijar os seus lábios e segurar-lhe as mãos / E caminharemos entre a colorida folhagem.”

“Gosto, Deirdre.”

“Espera. Esta é a melhor parte.” Fez uma pausa e apontou com o dedo, sublinhando os versos: “E juntos ficaremos até ao fim dos tempos, colhendo / As prateadas maçãs da lua, / As douradas maçãs do sol.”

Fechou o livro e olhou-me, sorrindo.

“É muito belo.”

“Consegues imaginar? Um dia encontramos alguém que nos complete tão profundamente que nunca mais sintamos medo ou solidão? Acreditas numa paixão, assim, que possa existir para sempre?”

Disse estas palavras mais para si do que para mim.

“Suponho que sim”, e corrigi: “Espero que sim.”

O semblante de Deirdre turvou-se. Olhou através da janela para a negrura. Depois, fez girar nervosamente um anel de prata, com folhas gravadas.

“Já encontrei e perdi. O meu ex-namorado deu-mo, dois meses antes de morrer num acidente de carro”, murmurou. “Ainda não o consigo tirar.”

“Lamento.”

“É tão estranho”, prosseguiu, “quando uma pessoa morta nos amou mais do que todas as vivas.”

Ficámos um longo tempo, em silêncio, nas escadas mais solitárias, escutando o latir distante dos cães, os automóveis tardios trilhando as estradas de neve, o último metro do dia sobre a ponte, rumo ao coração anoitecido de Londres.

“Espera um pouco”, pedi-lhe.

Regressei ao meu quarto e trouxe-lhe uma das maçãs verdes compradas no Georgiou’s

Delicatessen, uma mercearia de emigrantes gregos, na esquina da Tufnell Park Road. Tinham um travo ácido, é verdade, mas o aroma lembrava o outono já findo. Só muitos anos mais tarde, em Portugal, viria a encontrar maçãs assim.

“Para ti”, disse-lhe, oferecendo-lha.

Sorriu-me, de novo. Levou a maçã ao rosto e aspirou. “Obrigada.”

“Até amanhã, Deirdre.”

Deixei a jovem nas escadas, em companhia de Yeats, e passei longamente até Kentish Town, procurando sacudir o cansaço do dia. Regressei mais tarde do que o costume. Contudo, nessa noite, dei voltas infindas na cama. Deirdre obcecava-me. Havia nela uma melancolia genuína e não aquela pose postiça e estudada das góticas. Enfeitiçara-me, reconheço, naqueles minutos. Como se eu fosse o delirante Aengus e ela, a jovem enigmática, na floresta. Imaginem a minha felicidade quando encontrei, na manhã preguiçosa do dia seguinte, o poema que me lera, escrito à mão, numa letra pequenina e certa, a caneta de tinta permanente, no chão do meu quarto. Deveria ter esperado que eu adormecesse e fê-lo deslizar por baixo da porta.

Tinha de retribuir. Nesse dia, tinha aulas de Literatura Portuguesa no King’s College, com o professor Helder Macedo, pois essa cadeira não existia no Polytechnic of North London. Mal a lição terminou, fui à biblioteca e requisitei um livro de Eugénio de Andrade. Depois, entrando no jogo, copiei e traduzi para ela estes versos: “Como enxotar a morte: esse animal / sonâmbulo dos pátios da memória?” Na verdade, pareciam-me assentar-lhe como uma luva. O que poderia eu fazer, para afastar dela as recordações da morte do namorado?

Principiou um ritual que durou semanas. Todas os serões, pelas dez horas, nos encontrávamos nas escadas do terceiro piso. Perdi a conta aos poemas partilhados, às vezes que me acompanhou, de braço dado, descendo a Holloway Road, no silêncio da noite, aos versos dela, que fazia deslizar sob a porta do meu quarto, a altas horas, para os descobrir de madrugada. Nunca falava sobre o passado, mas eu antevia a sombra nos seus olhos. Faltava-lhe a alegria dos meus colegas, o prazer de descobrir outro país, os desafios de estar fora de casa.

No Natal, regressei ao nosso país; Deirdre viajou para Galway. Senti imensamente a falta dela, naquelas férias, e dos nossos momentos noturnos. Não havia telemóveis naquela época; os preços das chamadas internacionais eram proibitivos; qualquer carta, por mais rápidos que os correios aéreos fossem, na enxurrada de postais natalícios, só chegaria depois de mim. Contudo, não perdia a esperança: pensava na lenda celta que um dia me contou. No princípio do mundo, cada casal era parte do mesmo barro. Depois, deu-se um dilúvio, as duas metades separaram-se e seguiram caminhos diferentes. Desde então, todos andamos à procura da nossa metade. Por vezes, julgamos ter encontrado; outras, perdemos a fé e desesperamos.

Em janeiro, quando regressei a Londres, todos os deuses conspiravam para eu não pôr

os pés na residência antes da noite: um atraso no avião, devido ao nevoeiro, um descarrilamento do metro, um taxista caracol. Entrei em Tufnell Park com duas malas colossais, que arrastei escada acima, até ficar sem fôlego. Bati à porta do quarto de Deirdre, ao de leve, mas não ouvi qualquer som.

No dia seguinte, estranhei não a encontrar nas escadas de incêndio, nos corredores, nas cozinhas comuns. Teria prolongado as férias? Estaria doente? No sábado à noite, no salão da residência, decorreu a habitual festa dos estudantes Erasmus. Entre o aglomerado de jovens, dançando ou à conversa, descobri Bettina, uma rapariga alemã, da turma de Deirdre.

“Olá, Bettina! Tudo bem?”, gritei, procurando fazer-me ouvir acima da música ensurdecedora.

“Tudo! E contigo?”

“Tenho andado a pensar. Não vi a Deirdre esta semana. Sabes alguma coisa dela?”

O rosto da jovem toldou-se. Sem uma palavra, puxou-me pelo braço. Abrimos caminho a cotovelo do salão para o *hall* e daí para o exterior. Aspirei o frio noturno. Um manto de neve e silêncio cobria o campo de futebol.

“Ela não volta”, disse-me a rapariga alemã.

Senti um baque no peito.

“Desistiu?”

“João”, hesitou, “a Deirdre suicidou-se antes do ano novo.”

Durante um minuto, não trocámos qualquer palavra. Depois, Bettina disse que ia cravar um cigarro e vinha já. Não regressou.

Provavelmente, Deirdre planeara tudo ao pormenor. Nas muitas vezes em que conversávamos, ela já conhecia o seu destino: dobrar o cabo da dor, procurar a paz, longe da loucura do mundo, colher as maçãs da lua e do sol. Regressei à festa. Bebi até ficar indisposto. Subi ao terceiro andar pela escada de emergência, tropegamente. Parei no sítio onde Deirdre costumava afastar-se do mundo, agora tão vazio, e sentei-me ali.

Imaginei o espírito da menina celta, ao meu lado, a ler versos de poetas antigos, e desabando, noite após noite, querendo confessar-me a sua depressão, sem ter coragem. Ergui o copo de cerveja. “Slàinte Mhath”, um brinde aos poemas que ficaram por escrever no teu bloco de folhas virgens. “Slàinte Mhath” aos rapazes que nunca beijarás. “Slàinte Mhath”, Deirdre, a todas as almas que uma noite se cruzaram — e para sempre se perderam, nesta terra de sonhos queimados.

A doçura dos crocodilos

Não havia esconderijo mais perfeito para os amantes. O rapaz e a rapariga, ambos de treze anos, encontravam-se sentados sobre uma enorme pedra amaciada há milénios pelo fluir das águas. Junto às margens, o rio deixava antever os seixos roliços e brilhantes como prata, debaixo do sol a prumo. A força da corrente despenteava os ramos dos chorões, curvados sobre o leito. Fora ele a escolher aquele sítio, longe dos olhares indiscretos de quem funambulasse por ali, porque tinha um pedido urgente a fazer à rapariga. O nervosismo era tal que se sentia nauseado. Para ganhar coragem, bebera três latas de *Sagres* que, com o calor severo, lhe tinham subido diretamente à cabeça.

Pequeno para a idade, vestido de camisola vermelha e calças de ganga puídas, sapatilhas velhas, orgulhosamente sujas — ele era vulgar, quase invisível de tão típico, e sabia-o. Nos corredores infundos da escola secundária, as colegas não se demoravam nele mais do que um segundo, o tempo do rebentar do balão de uma chiclete, antes de borboletearem ao redor dos rapazes mais populares da turma.

Já a adolescente possuía uma beleza natural, sem ser digna de capa de revista. Mais alta do que ele quase um palmo, fina como uma espiga, cabelo cor de mel e olhos claros, que ora pareciam azuis, ora verdes, ao capricho da luz. Envergava uma camisola azul-bebé e uma saia de ganga, com a bainha desfiada. Apertava contra o queixo os joelhos arranhados pelas silvas. Contemplava os pés descalços, movendo-os ao ritmo de uma canção que mais ninguém ouvia.

Estavam há alguns minutos, em silêncio, hipnotizados pelo marulhar, amolecidos pelo sopro morno da tarde, quando ele, de olhos fitos na água, murmurou timidamente:

“Beija-me.”

A rapariga arqueou-se.

“O quê...?”

“Tu ouviste.”

Ela soltou uma gargalhadinha; ele olhou-a de soslaio.

“Por que te ris?”

“Nunca ninguém me pediu um beijo dessa maneira.”

“Dessa maneira *como*?”

“Bem... Os rapazes costumam beijar-me e pronto.”

“Os rapazes... Muitos?”

A adolescente sorriu. Como ele adorava as covinhas dela!

“Alguns.” Assentou o cotovelo no joelho, o rosto na mão e olhou-o em desafio. “Porquê?”

Estás com ciúmes?”

O jovem, com a coragem de quem já nada tem a perder perante a derrota pressentida, voltou à carga:

“Podias beijar-me... Ando há meses com isto na cabeça.”

“Foi por isso que me convidaste a sair?”

“Sim.”

“Ah, bom... E já beijaste outras?”

“A-ha.”

Ambos sabiam que mentia. A rapariga, genuinamente divertida, insistiu:

“Tens a certeza...?”

“Absoluta.”

A jovem esticou as pernas e depois os braços, procurando chegar aos pés, para afastar o torpor e ganhar algum tempo, antes de dizer sim ou não. Repetiu este gesto várias vezes.

Depois, sentenciou:

“OK. Podes beijar-me. Uma vez. Só *uma*.”

O rosto dele iluminou-se.

“Boa!”

“Mas nada de andares a espalhar por aí. Prometes?”

“Claro.”

O rapaz voltou-se para ela, até ficarem sentados, frente a frente. Inclinou-se sobre a jovem, sôfrego. A dois palmos do seu rosto, notava-lhe algumas minúsculas marcas de acne, disfarçadas pelo moreno do verão. Os olhos claros, fixos nele, intimidavam-no. A doçura dos crocodilos. Ela poisou as mãos sobre os ombros dele, um gesto tão maternal que o fazia sentir-se um garoto. Respirou fundo e puxou-o para si. Ele entreabriu os lábios, antecipando o sabor da boca dela e a textura da língua ondulando sobre a sua. Porém, a cinco centímetros, a rapariga voltou bruscamente o rosto e repeliu-o, numa careta agoniada.

“Que foi?”, perguntou ele.

“Cheiras a azedo!”

“Bem, eu...”

“Estiveste a beber?”

“Só duas cervejas!”

A rapariga revirou os olhos, aborrecida:

“Tens um chiclete, *ao menos*?”

O rapaz remexeu nos quatro bolsos das calças de ganga, desesperado. Arrependeu-se de todas as bugigangas ali guardadas. O molho de chaves, o canivete suíço, dois embaraçosos

lenços de papel sujos, um foco que nunca funcionara e agora, ridiculamente, se acendera.

“Nada, nadinha”, confessou.

Ela abanou a cabeça, em ar desaprovador.

“Eu podia beber um golo de água”, sugeriu o jovem.

“Estás doido! Já viste a mosquitada? Ias ficar doente, de certeza.”

“Então...?”

“Então, o quê?”, perguntou ela irritada.

“O que fazemos?”

“Vamos esquecer isto”, disse, encolhendo os ombros.

O rapaz hesitou. Não, não podia ser. Preparara tudo ao pormenor, ao longo de uma noite de insónia. Estudara os passos a dar, antecipando qualquer imprevisto. Era demasiado tarde para regressar de cauda entre as pernas. Não se conteve. Num impulso, inclinou-se e encostou os lábios dele aos da jovem. Tão desastrosamente que ela gritou de dor.

“Endoideceste?!”

A rapariga levou a mão à boca. Tinha o lábio inferior rachado.

“Olha o que me fizeste, estúpido!”

Mostrou-lhe um par de dedos acusatórios, tingidos de sangue vivo.

“Desculpa, eu...”

O jovem ficou a olhá-la uns segundos, envergonhado, sem saber o que fazer. Ela levou de novo os dedos aos lábios e inspeccionou as pontas, irada.

“Raios!”

“Desculpa, desculpa, desculpa”, implorou ele.

Estendeu-lhe, a medo, um lenço. A rapariga ia a pegar nele, depois, rejeitou-o, enojada.

“Está sujo!”

O jovem apressou-se a arrecadá-lo, cada vez mais humilhado.

“Não sei o que me deu, eu —”

“Esquece!” Limpou os dedos à saia. Quedaram-se uns minutos em silêncio. De súbito, a jovem sentiu compaixão por ele e, em tom mélico, propôs: “E se fôssemos até à clareira?”

O rapaz concordou, aliviado. A rapariga calçou as sandálias. Ergueram-se, sacudiram a poeira das mãos e desceram com ínfimas cautelas a pedra lisa até ao caminho de terra batida, ladeado por árvores frondosas e sombras a esconderem o seu embaraço. Ela caminhou à frente dele, levando, de vez em quando, a mão preocupada à boca.

Ele seguia-a, alguns passos atrás, o rosto fito na poeira. Sentia-se rebaixado pela adolescente; furioso com o seu impulso; vencido. Uma ideia serpenteava e abria fendas na sua mente: a rapariga *nunca* quisera beijá-lo. Fora tudo uma encenação para o espezinhar. Talvez, à

noite, ela telefonasse às amiguinhas, relatando com exagero a partida que lhe pregara, entre risadas de escárnio. “A sério?” “Não me digas!” “Ele não bate bem!” Sabiam ser cruéis, as raparigas. Seria o bobo da escola, alvo de troça e de olhares na semana seguinte, e talvez durante todo o verão, que se arrastaria dolorosamente, como um animal ferido.

Chegaram à clareira, um círculo amplo e sombrio, ladeado pelo arvoredado, onde as famílias assentariam para os piqueniques dominicais. A criançada correria em redor, escapulindo-se de abelhas e perseguindo pássaros e borboletas, em grande algazarra. Sentados nas cadeiras articuladas, os pais sonolentos fumariam *SG Ventil*, enquanto as mães e as tias trocariam mexericos. O rapaz teve, num relâmpago, uma imagem dos dias da infância, quando o universo não conspirava contra ele e os deuses eram mais justos. Agora, não se via vivalma.

No ar abafado, os insetos zuniam e havia um cheiro quase intoxicante a seiva. A clareira desembocava junto a uma curva do rio, onde se erguia uma árvore com a idade do mundo. Amarrado a um ramo, por cordas grossas e velhas, havia um baloiço de madeira, pintado de vermelho, a pairar a um metro e meio sobre a margem pedregosa.

“Queres andar de baloiço?”, convidou ele, a medo, num gesto de paz.

Os olhos da rapariga tornaram-se, de súbito, olhos de criança. Não se conteve. Fincou os dedos no tronco grosso e, com uma surpreendente agilidade, ficou pendurada. À força de pulsos, percorreu o caminho, palmo a palmo, até se sentar, cautelosa, no baloiço vermelho.

“Empurra-me!”, ordenou.

O rapaz aproximou-se por trás dela, ergueu os braços e impeliu o baloiço, que descreveu um pequeno vaivém sobre o leito. A rapariga gritou de prazer; o rapaz sentiu-se excitado ao ver as pernas dela, longas, apontadas para o vazio.

“Com mais força, agora!” O adolescente deu um empurrão maior. Ela descreveu um arco sobre a água, agarrando-se com firmeza às cordas, o cabelo cor de mel esvoaçando. “Mais!”, berrou ela.

O rapaz impeliu o baloiço com todas as forças, os músculos retesados. Uma e outra vez e ainda outra. O baloiço descrevia um semicírculo cada vez mais amplo sobre as pedras da margem e a corrente forte. E ele já nem sabia se a jovem gritava “para, para!” ou “não!” ou “socorro”. Nenhuma rapariga voltaria a fazer pouco dele. *Nenhuma!* Sentiu o calor a embrutecê-lo, uma onda de raiva a agitar-lhe o corpo, o desejo másculo e um ódio surdo, excitante como os gritos desesperados dela. Empurrou mais e mais, não soube durante quanto tempo. Continuou a empurrar, sem nunca interromper. Cego, bruto, possesso. Até o baloiço se tornar, de súbito, leve — oh, tão leve quanto um beijo perdido.

Para arder até ao fim

De dia, pernoitávamos em pequenos motéis, esquecidos entre as montanhas, longe de tudo. Só viajámos de noite, quando soprava a frescura. Apenas o vento e a escuridão da estrada, serpenteando entre as montanhas, nos faziam companhia, à medida que o automóvel engolia sofregamente os traços brancos do asfalto.

Para enxotar o sono, ligava o rádio, com o volume baixinho. As estações que sintonizava pareciam perdidas no tempo. Os DJs daquela região passavam baladas de amor com trinta ou quarenta anos, celebrizadas por estrelas musicais há muito extintas.

“Por vezes, ponho-me a pensar”, disse a rapariga, enquanto rebuscava no fundo de um saco de pipocas.

“Em quê?”

“Nas canções que nunca escutarei. Nos filmes que vão estrear no próximo ano, sem que eu os veja. Nos poemas que irão ser escritos depois de eu partir.”

“Não digas tolices”, suspirei. “Combinámos que não falaríamos dessas coisas.”

A jovem encolheu os ombros, resignada, abriu o vidro e estendeu o braço, lançando as últimas pipocas ao vento. Depois, largou também o saco.

Três dias antes, fizera-lhe uma promessa; agora, duvidava se conseguiria cumpri-la. A cada hora, notava-a mais pálida, transparente como papel vegetal. Sentia uma náusea contínua e o seu estômago já não suportava mais nada. Só se alimentava de gulodices e do leite com chocolate comprados nas estações de serviço.

“Achas que vais aguentar-te?”, perguntei-lhe.

“Sim, claro.”

“Tens a certeza?”, insistia eu. “Ainda podemos voltar para trás.”

“Nem penses”, abanou a cabeça. “Quero vê-lo.”

Com frequência, a rapariga adormecia logo que retomávamos a viagem, no banco de trás do automóvel. Tirava a peruca, libertava-se das sapatilhas, e embrulhava-se numa manta, a cabeça poitada sobre as mãos. De quando em quando, eu verificava o seu sono, através do espelho retrovisor. Era profundo, no embalo monótono das curvas e contracurvas da estrada.

Vira-se que fora bonita, apesar daquela magreza doentia, do rosto macilento, dos olhos desesperadamente vivos, incapazes de se renderem ao fim. Recusara-se a definir numa cama de hospital, o corpo afogado em químicos, na espera inexorável, enquanto as paredes do tempo se esmagavam sobre si.

Queria vê-lo: não tinha outro desejo.

A rapariga aparecera-me há três noites, no café de uma estação de serviço onde eu parara para abastecer e dessedentar-me com uma cerveja. Teria dezasseis anos, talvez dezassete. Era alta, vestida com uma camisola, saia de algodão, sapatilhas brancas e uma pequena mochila de sarja. Aparentava aquela palidez amarelada dos doentes em quimioterapia, o corpo quase raquítico, os olhos de quem já nada tinha a perder. Respirava a custo. Parava para ganhar fôlego entre as frases, como se as estivesse a pontuar. Estendeu-me um rolo de notas para custear a boleia.

“Para onde?”, perguntei, sem aceitar o dinheiro.

“Quero ir vê-lo”, anunciou, decidida. “Antes que seja tarde.”

“É longe. Três dias de viagem, pelo menos...”

“Eu sei. Mas levas-me?”

“...e estás doente.”

“Por favor”, implorou, com voz sumida.

Hesitante, assenti. Também eu ansiava vê-lo.

Na primeira noite, no lugar do pendura, a jovem quase não dormiu, para me fazer companhia. Uma lua enorme, cor de leite, banhava a estrada, com uma luz surreal.

“Algum dia ouviste falar da Laika?”, perguntou-me.

“Sim, a cadelinha vadia que os soviéticos mandaram para o espaço.”

“Mmm. Consegues imaginá-la na Sputnik 2? Sozinha, no meio das estrelas?” Fez uma longa pausa. “Às vezes, pergunto-me se a morte será assim”, prosseguiu. “Se ficamos no espaço, a olhar lá de cima para toda a gente que conhecemos quando éramos vivos. Até um dia deixar de haver pessoas na terra. Deve ser triste, a eternidade. E solitária. Assusta-me.”

Ficámos em silêncio, a meditar, concentrados na estrada e na floresta que a ladeava, a brilhar como jade.

Na segunda noite, demos boleia a um jovem um pouco mais velho do que a rapariga. Era alto e magro, o rosto marcado pelo acne, os modos polidos de quem pretende agradar. Desejava alistar-se no exército, escapar de uma vila no meio do nada, onde certamente definharia durante décadas labutando num emprego monótono. Tudo o que possuía, transportava na mochila, e era tão pouco. Tive de lhe oferecer o jantar, porque os cêntimos que estendeu na palma mal davam para um hambúrguer e uma Coca-Cola.

Quando a rapariga se deitou no banco de trás do carro, para dormir, e tirou cuidadosamente a peruca, ele pareceu assustado. Não reparara ainda no cabelo ralo dela, nem notara que se encontrava doente. Esperou até que ela tombasse no sono, para me perguntar, em surdina:

“O que tem a miúda?”

“Fome”, respondi-lhe. “Uma fome do tamanho do mundo.”

Deixámo-lo na periferia de uma grande cidade. Dei-lhe uma nota, o suficiente para tomar uma refeição e comprar um bilhete de autocarro até ao posto de recrutamento. A jovem abraçou-o e desejou-lhe:

“Boa sorte.”

“Para ti também”, replicou ele. “Espero que o vejas.”

Estávamos todos em fuga.

Ele, de uma vida igual à dos pais; ela, do hospital de onde jamais sairia viva; eu, daquele som que escutava dia e noite, um perpétuo murmúrio, implorando-me que escapasse. Mesmo quando cerrava os olhos com força, não conseguia vislumbrar futuro algum. Não tinha âncoras: não pertencia a lugar nenhum, nem a ninguém. Só a estrada, quilómetros e quilómetros de asfalto, gritava por mim.

Chegámos à praia de madrugada, pouco depois de o nascer do sol, não eram ainda seis horas. Estacionei o automóvel na berma do caminho, junto ao areal, numa zona de cascalho, terraço e catos. Ficámos uns momentos em silêncio, a contemplar a pequena baía, o oceano tingido pelo vermelho da aurora, as ondas espreadando-se em espuma.

“Aqui estamos”, murmurei.

“Cheguei a pensar que nunca o iria ver.”

“Prometi-te que sim.”

Sorriu-me, em resposta. Abri o vidro da janela do meu lado. Invadiu-nos o som fresco das ondas enroladas no vento e o piar aflito das gaivotas. De súbito, encontrávamo-nos noutra mundo, após três longos dias de estrada, paragens em dois motéis fantasma, perdidos na paisagem monótona das montanhas.

Saí do carro, ainda tonto de cansaço. Conduzira toda a noite e a fadiga pesava em cada fibra. Espreguicei-me longamente. A brisa marítima era morna e adivinhava-se um dia cálido. Abri a porta do lado da jovem, que passara parte da noite sentada no lugar do morto. Tentou erguer-se, com um gemido, mas as forças já não eram suficientes.

“Consegues?”

“Não. Ajuda-me”, balbuciou.

Notei-a ainda mais pálida do que na noite anterior. Uma fina camada de transpiração cobria-lhe a testa. Com um gesto irritado, arrebanhou a peruca e pousou-a sobre a manete das mudanças.

“É o sítio ideal para ela”, gracejou.

Cuidadosamente, ergui a rapariga nos braços. Agarrou-se ao meu pescoço, como uma criança com pavor de cair. Pesava tão pouco que quase conseguia escutar o seu coração,

batucando através da carne. A cabeça dela, encostada ao meu queixo, era fria. Cheirava a sono e a transpiração doce.

Não vislumbrei viva alma no areal, apenas um bando de aves disputando a carcaça de um peixe. Era demasiado cedo até para os atletas madrugadores correrem pela praia. Caminhei lentamente, receando tropeçar. Poisei-a sobre uma pequena elevação e sentei-me a seu lado. Tirei as minhas sapatilhas e as meias e ajudei-a com as dela. Foi bom sentir a areia entre os dedos. O vento fazia-lhe esvoaçar os poucos cabelos tão loiros, quase brancos.

“Obrigada”, disse-me.

Parecia tranquila, pela primeira vez desde o início da viagem. Levou os joelhos ao queixo, em posição fetal, e cerrou os olhos. Imaginei o sol a atravessar-lhe a camisola azul, recarregando-a com minúsculas setinhas de energia. Abracei-a, medindo-lhe a respiração difícil. Ficámos assim uma boa meia hora, deixando o vento diluir a fadiga da jornada.

“Levas-me agora?”, pediu-me.

Carreguei-a, ao colo, até ao mar.

“Está gelada”, queixei-me, ao entrar nas ondinhas.

Caminhei pela baía, até ficar com a água pelos joelhos, as calças de ganga coladas ao corpo. A brisa salgada picava-me o rosto. Baixei-a vagarosamente, como se oferecesse uma dádiva ao mar. Um arrepiou percorreu-a, soltou um gritinho e retraiu-se.

“Queres que pare?”

“Não, não quero.”

Dei mais uns passos, quase me desequilibrando, no leito instável do oceano. Poisei o corpo dela na superfície. A custo, a adolescente encheu o peito de ar e reteve-o, sempre de olhos fechados. Flutuava, frágil, como uma folha à superfície. Depois, abriu os braços, estendendo-os sobre a água, a camisola colada ao corpo magro, revelando as costelas, a saia de algodão negra ondulando, os pés pequenos e brancos entre a espuma. Pediu-me:

“Não me largues, antes de chegar a hora.”

“Nunca.”

“Prometes?”

Não lhe respondi. Uma gaivota lançou-se a prumo contra o céu cor de acetileno, como se quisesse atravessar o sol e arder. Contemplei-a longamente. Imaginei como seria subir, subir, subir, sem parar e, de lá de cima, contemplar-nos, a mim e à rapariga, até não sermos mais do que dois pequenos pontos. Tão frágeis, tão inúteis, tão solitários, brilhando sobre a água.

Sinopse

Nunca digas adeus ao verão é o quinto livro de contos de João de Mancelos. São treze histórias marcadas ora pela solidão, ora pelo encontro entre estranhos que nada julgavam partilhar até se cruzarem, por mero acaso. Os pequenos milagres de cada dia sucedem-se página a página, revelando afetos partilhados, perdas insanáveis, vidas refeitas. São narrativas escritas num estilo exímio, que se leem de um fôlego.